



1290000004



FE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CA  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E HISTÓRI TCC/UNICAMP B234r  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CRISTIANE FRANCO BARBOSA

ROUSSEAU NA EDUCAÇÃO : RELAÇÕES ENTRE VIDA,  
INFÂNCIA E SOCIEDADE

CAMPINAS  
1998

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**ROUSSEAU NA EDUCAÇÃO: RELAÇÕES ENTRE VIDA,  
INFÂNCIA E SOCIEDADE**

Trabalho apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade estadual de Campinas como requisito parcial à obtenção da conclusão do Curso realizado por Cristiane Franco Barbosa e orientado por Sílvio Sanches Gamboa.

**CAMPINAS  
1998**

UNIDADE.....	FE.....
Nº CHAMADA:	
JCC	
B234r	
V:.....	EX:.....
TOMBO: 4	
PROC: 124/2002	
C:.....	D: X
PREÇO: 11,00	
DATA: 28.10.03	
Nº CPD: 311053	

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

B234r	<p>Barbosa, Cristiane Franco. Rousseau na educação : relações entre vida, infância e sociedade / Cristiane Franco. -- Campinas, SP : [ s. n. ], 1998.</p> <p align="center">Orientador : Sílvio Sanchez Gamboa. Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Rousseau, Jean - Jacques, 1712-1778. 2. Infância. 3. Educação. 4. Natureza. I. Sanchez Gamboa, Sílvio. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p>
-------	--

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**ROUSSEAU NA EDUCAÇÃO: RELAÇÕES ENTRE VIDA,  
INFÂNCIA E SOCIEDADE**

---

Realizado por Cristiane Franco Barbosa

---

e orientado por Silvio Sanches Gamboa.

**CAMPINAS  
1998**

# SUMÁRIO

- **INTRODUÇÃO**

- **CAPÍTULO I - O Contexto histórico Social**

- 1.1 EUROPA, aspecto sociais, políticos e econômicos, século XVI, XVII e XVIII.....8
- 1.2 FAMÍLIA E CRIANÇA EM SEUS PAPÉIS SOCIAIS E EDUCACIONAIS NA FRANÇA NO CONTEXTO DO SÉCULO XVIII.....12

- **CAPÍTULO II - ROSSUEAU E SUA OBRA SOBRE A INFÂNCIA**

- 2.1 BIOGRAFIA DE ROUSSEAU
- 2.2 O PENSAMENTO SOBRE A INFÂNCIA : Emílio, livro primeiro.....25
- 2.3 AMAS DE LEITE - Uma referência significativa.....27

- **CAPÍTULO III - A MODO DE CONCLUSÃO.....29**

- \* **CAPÍTULO IV - BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA E.....32**

# ROUSSEAU NA EDUCAÇÃO: RELAÇÕES ENTRE VIDA, INFÂNCIA E SOCIEDADE

## INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema surgiu no decorrer do curso EP 410, “História das Doutrinas Pedagógicas” onde foram estudados rapidamente sobre os grandes filósofos e educadores da História da Educação.

Filósofo e escritor, Jean Jacques Rousseau nasceu em Genebra, na Suíça em 1712. Foi autor de grandes obras sobre filosofia, teoria política e pedagogia. Suas idéias contribuíram para a Revolução Francesa, sendo um dos iniciadores da crítica da civilização moderna.

Dentre suas obras destaca-se na área da educação *Emílio*, onde revela que o que tinha de primordial na educação é a formação de um homem livre; e portanto, “A educação deve ser natural, espontânea, sendo permitido ao discípulo, desenvolver toda a sua humanidade originária”. Já no início do século XVIII, J. J. Rousseau revolucionou a pedagogia com a publicação do *Émile*, onde expôs suas teorias educativas, cujos princípios básicos são: tratar a criança como criança e valorizar sua personalidade. Rousseau dividia a educação em duas etapas. Na primeira etapa, devia-se subtrair a criança ao convívio da sociedade, falas e convencional, permitindo o contato com a natureza para que desenvolva harmoniosamente o corpo e o espírito. Na segunda, estudará as artes e um ofício.

As noções fundamentais da vida, o educando aprenderia em contato com outra pessoa.

Tendo Emílio como seu discípulo, Rousseau o educou tendo como base o respeito e a liberdade pois julgava ser este o caminho para a formação do homem livre. Acreditando que “a sociedade e a civilização corrompem o homem”, Rousseau educou Emílio longe desta sociedade e o mais próximo possível da natureza.

Para Rousseau a educação era progressiva e acompanhava o desenvolvimento humano. Sua proposta foi de uma educação dividida primeiramente numa parte prática, onde a prioridade deveria ser dada a prática dos bons atos seguida da prática de um ofício que tornaria o homem útil a sociedade e uma parte teórica onde a prioridade seria dada ao aprendizado das ciências humanas pela História, religião e clássicos da literatura.

Creio que as idéias contidas nas obras de Rousseau tiveram grande importância e influência revolucionária porque expressavam as injustiças da sociedade da época, principalmente no que se refere ao conceito de infância que estava se modificando na época.

Rousseau faz relação entre educação e sociedade, plano de uma educação inovadora e libertadora. Pretendia, neste estudo aprofundar mais teoricamente um estudo sobre a sociedade, criança e família da época para entender melhor suas idéias, críticas e questionamentos com a sociedade francesa. Nesta época Rousseau já focalizava o homem como sujeito da ação educacional sujeito, a criança ou o homem.

Vejamos em *Émilio*:

“Não se conhece absolutamente a infância: com base nas falsas idéias que temos dela, quanto mais se avança, tanto mais se erra. Os mais sábios baseiam-se naquilo que o homem adulto precisa saber, sem considerar aquilo que a criança tem condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar naquilo que ele era antes de ser homem. Eis o estudo a que especialmente me dediquei, a fim de que, embora todo o meu método resulte quimérico e falso, as minhas observações poderão ser sempre aproveitadas. Posso ter errado sobre o que eu fiz sobre o sujeito a ser trabalhado. Comecem, então, estudando melhor seus alunos, porque tenho certeza que não os conhecem absolutamente; ora, se lerem este livro nessa perspectiva, eu acho que eles lhes será de grande utilidade”. (1968, pg 06).

Rousseau condenava as tentativas de forçar a criança a se comportar como adulto, tão freqüente na época. Pretendo também estudar um pouco sobre a afetividade presente nos escritos de Rousseau quando relacionados a educação e formação do indivíduo. Talvez por isto estude especificamente A Infância do livro “*Emílio*”.

Para compreender a concepção de infância, além de considerar as principais obras de Rousseau é importante também neste estudo, aprofundar sobre a



sociedade na qual situa-se o autor, a época e as características políticas e econômicas que moviam essa sociedade. Para tanto, tomo como referência algumas pinturas tentando buscar talvez em algumas pinturas e fotos referentes a costumes e hábitos da elite francesa representante da camada social à qual são referidas às concepções de infância nas obras de Rousseau.

Ainda para obter outras referências apresento também, neste primeiro momento um levantamento de obras que outros autores escreveram sobre Rousseau e suas relações com a educação. Essas referências são apresentadas na bibliografia.

Depois de elaborar esses contextos apresento as principais referências da vida do autor para, à continuação, analisar seu pensamento sobre a infância a partir do livro primeiro do Emílio: a modo de conclusão faço alguns comentários sobre a atualidade da obra de Rousseau.

## **CAPÍTULO I - O contexto histórico Social**

Neste capítulo pretendo fazer uma breve retomada histórica dos aspectos sociais, políticos e econômicos referentes aos séculos XVI, XVII e XVIII ressaltando algumas transformações na economia e conseqüentemente na sociedade que está organizado em duas partes sendo a 1ª parte referente a Europa nos aspectos sociais, políticos e econômicos, séculos XVI, XVII e XVIII e a 2ª parte referente a família e criança em seus papéis sociais e educacionais na França do século XVIII.

## **1.1 EUROPA, aspectos sociais, políticos e econômicos, séculos XVI, XVII e XVIII**

A Europa do século XVI e XVII passou por várias transformações e teve sua população quase duplicada. A economia agrícola desenvolveu-se lentamente atendendo as necessidades geradas pelo aumento populacional. A maioria dos agricultores europeus praticava uma economia de subsistência e a maior parte das propriedades estavam dispersas em vilarejos. A irrigação, os sistemas de drenagem e o desbravamento de florestas aumentaram as áreas produtivas e isto possibilitou a introdução de culturas como a batata e o milho provenientes da América. As novas técnicas se difundiram e solidificaram-se à medida que o crescimento das cidades encorajou a especialização na produção de alimentos. Em decorrência do crescimento populacional, logo se difundiu a idéia de que a sobrevivência nas cidades era mais garantida. Com isso, o comércio e as finanças se desenvolveram e o governo se apresentou cada vez mais complexo.

Foram três séculos de avanço tecnológicos onde os produtos passaram das fábricas movidas pela energia dos moinhos, para o aprimoramento da máquina a vapor. A indústria pode se expandir com o aproveitamento da mão de obra barata das famílias camponesas.

O comércio foi responsável pelo aparecimento de novas moedas e novos tipos de transações bancárias, com novas taxas de juros, livre movimentação de capital, pagamento de seguros internacionais e fluxo de depósitos garantidos o que lançou as novas bases de um novo sistema financeiro moderno.

O desenvolvimento do comércio, porém não tardou a manifestar-se através de revoluções que traziam como objetivo apagar as sombras de um sistema feudal que

insistia em se manifestar. Tais revoluções ocorreram em vários países europeus e duas delas serão aqui mencionadas: a Revolução Inglesa, no século XVII e a Revolução francesa, no século XVIII.

A revolução Inglesa teve início na segunda década do século XVII com a tentativa do rei, Carlos I, aumentar os impostos. O Parlamento protestou e a partir de então, várias fases caracterizaram a revolução, onde, de um lado o rei com apoio da Igreja Católica foi vencido pelo Parlamento que teve apoio do exército. A derrota do rei pois fim a monarquia e um novo tipo de governo configurou-se: a República. Uma República ditatorial sob o comando de Cromwell e depois de seu filho, que anos depois, também, é derrubada pelo Parlamento. O Parlamento optou por uma monarquia limitada, representada na figura de Jaime II, mas quando este tenta restaurar o absolutismo e o catolicismo, é derrotado e o novo caminho a ser tomado é o do Parlamentarismo.

Durante este período, a revolução conquistou e estabeleceu a plena propriedade privada sobre a terra, permitiu a marinha inglesa controlar os mercados mundiais e proletarizou um grande número de pessoas.

A França vive, antes de sua revolução de 1759, uma sociedade de ordens composta hierarquicamente pelo clero e nobreza, cheios de privilégios, e por uma terceira ordem bastante heterogênea que se dividia em alta burguesia e trabalhadores urbanos. A revolução eclodiu, não apenas pelas diferenças existentes entre as ordens, mas também por uma grande insatisfação social, causada pela crise financeira, crise econômica, os resquícios do feudalismo e pelas idéias iluministas. O Iluminismo teve início na Inglaterra em fins do século XVII e teve sua origem na chamada “revolução científica”. Nesta época ocorreu um grande progresso e na ciência onde se destacou um crescente interesse pelo método experimental. Como pontos fundamentais do conhecimento científico, destacavam-se a valorização da

razão como ponto infalível da verdade e a existência de leis naturais que explicassem os fenômenos universais.

Os iluministas criticavam o Estado Absolutista, propondo a limitação do poder real, os privilégios de classe e a postura da Igreja Católica. Defendiam a não intervenção do Estado no campo econômico e um sistema constitucional. Buscando liberdade de pensar eles tinham por finalidade modificar as instituições civis e religiosas. Tida como a maior publicação da época, apesar da oposição do estado e da Igreja, foi publicada a *Encyclopedie*, que, organizada por Diderot e D'Alamberte em meados do século XVIII traz e divulga o conjunto dos conhecimentos da época.

Também no século XVIII, surge o liberalismo econômico, uma nova teoria no campo da economia trazendo um conjunto de fundamentos para a manutenção da ordem capitalista. O liberalismo econômico tinha como fundamentos: a defesa da propriedade privada; a livre concorrência e livre cambismo; a liberdade de contrato; o combate ao mercantilismo; a divisão internacional do trabalho; e a existência de leis “naturais” na economia.

Ainda é no século XVIII, que ocorre o grande progresso do processo de desenvolvimento industrial, uma revolução técnica que definiu o modo de produção capitalista: A Revolução Industrial. O século XVIII é marcado por grandes acontecimentos na História da humanidade. Na França, em particular grandes Revoluções e Reformas aconteceram e trazem conseqüências para o resto do mundo. Contudo, tais mudanças se desenham aos poucos, no decorrer dos séculos anteriores.

Além das guerras que definiram as fronteiras dos países da Europa e das grandes conquistas, houve um grande avanço na história cultural e intelectual. A literatura, a arquitetura, as ciências e as artes em geral foram beneficiadas com o aumento de número de faculdades e hospitais, acompanhado de avanços nos

procedimentos administrativos, codificação das leis e várias melhorias estruturais como policiamento e iluminação nas ruas e o Canal de Languedoc, possibilitando a comunicação entre o Atlântico e o Mediterrâneo.

No final da Idade Média, O Estado se apresenta de um modo diferente na sociedade, com um controle mais severo das pulsões, domínio das emoções e senso mais elevado do pudor. Novas normas sociais são exigidas e criam novo hábito na sociedade, restrito num primeiro momento às classes mais abastadas e depois estendido à toda sociedade. Emancipada da tirania do Estado, a sociedade civil busca fazer valer suas novas aspirações.

Entre os séculos XVI e XVIII as sociedades são caracterizadas por um novo processo que inclui novas expectativas e práticas, produzindo espaços, objetos e escritos até então desconhecidos e que criarão, no indivíduo, uma consciência de si mesmo e dos outros.

Até o final da Idade Média, o indivíduo está enquadrado em solidariedades coletivas, feudais e comunitárias. Um mundo que não é privado nem público, onde todos se conhecem e atos da vida cotidiana acontecem em público, de forma bastante descontraída, o que é bastante normal para a época, uma vez que ninguém tem vida privada, nem é dono de nada, nem de seu próprio corpo. Porém, aos poucos a idéia de indivíduo e de seu papel na vida cotidiana vai se transformando.

## **1.2 FAMÍLIA E CRIANÇA EM SEUS PAPÉIS SOCIAIS E EDUCACIONAIS na França no contexto do século XVIII**

Philippe Ariès, em sua coletânea História da Vida Privada, conta como esta mudança foi desenhando um novo quadro para a sociedade da época.

Segundo ele, a mudança na idéia de indivíduo e de seu papel na vida cotidiana está ligada a três fatores político-culturais. O primeiro deles é a intervenção do Estado de Justiça no espaço social das comunidades dividindo a sociedade em três esferas: a sociedade cortesã; as classes populares das cidades e campos; e a corte, o povo simples. Outro fator, e de muita importância pelas grandes mudanças que causará, é o desenvolvimento da alfabetização e a difusão da leitura. O terceiro fator, que segundo o autor é responsável por esta mudança na idéia de indivíduo, deve-se às novas formas de religião que se desenvolvem na época e que trarão consigo os exames da consciência, sejam eles feitos em confessionários ou nos diários íntimos.

Dentro destas mudanças destacam-se ainda alguns pontos: a literatura da civilidade, que vai apresentar uma atitude nova em relação ao corpo mostrando um novo pudor; a literatura autógrafa que fará a relação entre a leitura, a escrita e o auto conhecimento; as caminhadas que se convertem em verdadeiras confissões, uma hora reservada para pensar calmamente; a amizade, suscitando uma fidelidade prazerosa; o gosto individual se tornando um valor e possibilitando a exteriorização do que cada um sente; e a história da casa que se expressa numa nova arquitetura especializando aposentos que outrora apareciam sem nenhuma divisão.

Em decorrência dessas mudanças a vida pública e a vida privada vão sendo diferenciadas.

É a partir destas mudanças que enfatizaremos a nova mentalidade que se apresentará em relação à família e a criança nesta sociedade com foco especial no século XVIII. Numa sociedade onde público e privado ainda se confundem, a família vai aparecer como um espaço liberado à prática do privado, determinando funções e papéis para cada um de seus membros.

Os componentes da família começam a se modificar a fim de melhor resolver a contradição entre o desejo de viver e a vontade de perpetuar-se. A família moderna, composta pelo casal e seus filhos cada vez mais se solidifica, e o recolhimento junto a família sugere um espaço doméstico cada vez mais íntimo, como mostra foto1.

A figura da criança aparece intimamente relacionada a figura da mulher que ganha status e funções nesta nova sociedade, foto 2 na página seguinte. A ela cabe cuidar do marido, dos empregados, da economia da casa e dos filhos, sendo que este último lhe fará exercer um papel de grande importância, uma vez que em tal sociedade a criança será vista como uma benção da união matrimonial, aquela que será responsável pelas futuras gerações, e que será vista como a própria imagem de Cristo. Assim, a criança vai aos poucos tendo suas especificidades esclarecidas e respeitadas, como foto3, a criança mais próxima do casal passando a ser o centro do pequeno universo familiar mostrando a babá auxiliando maior conforto e cuidado (foto 4, na página seguinte).

A primeira atenção dada à criança se efetiva através do batismo realizado quando esta é ainda recém nascida. Este é o marco do seu ingresso na vida cristã e a insere na comunidade familiar.

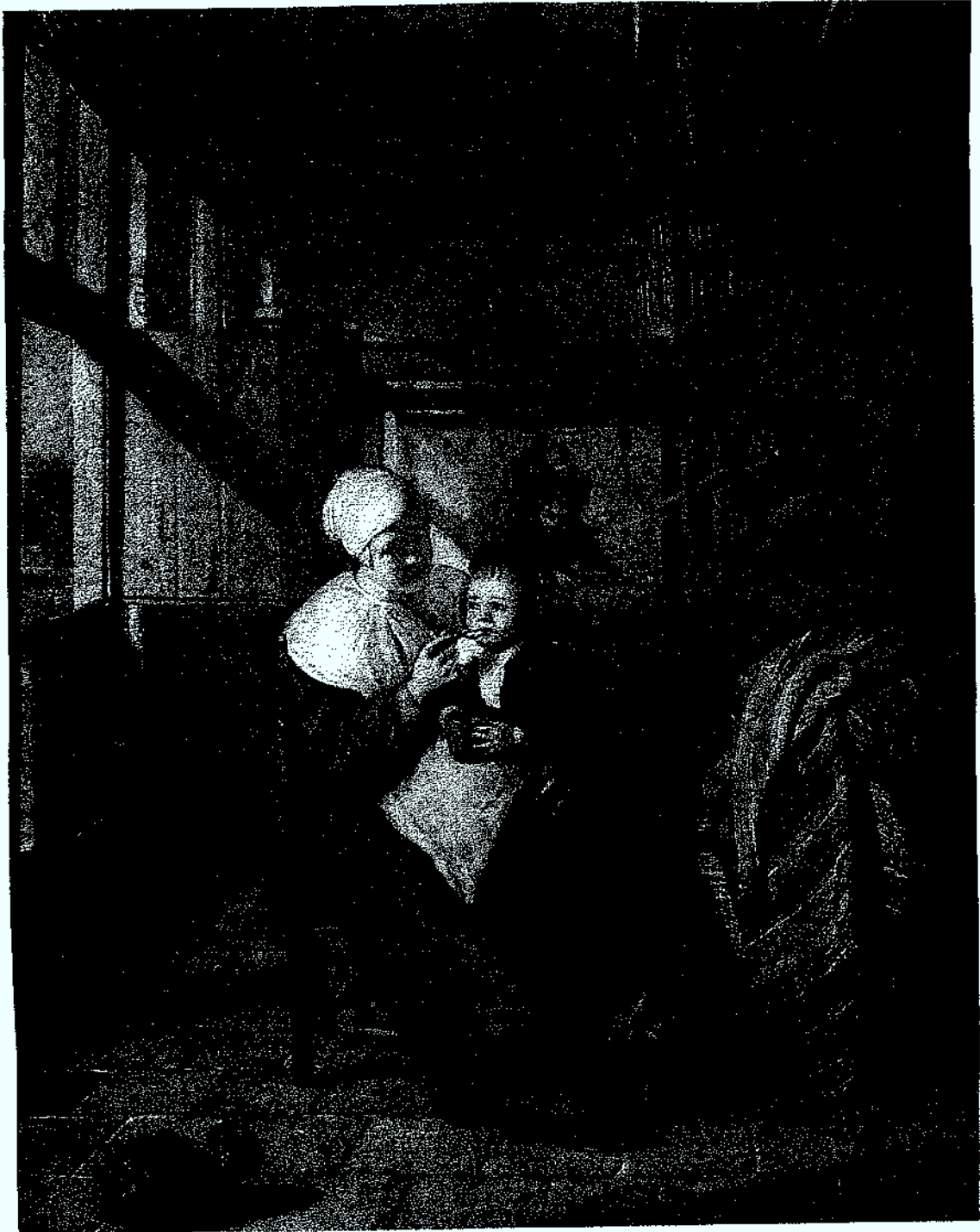
A partir daí a criança passa a receber progressivas atenções que variam de acordo com sua classe social e os novos “estudos” que vão surgindo na época. A evolução do sentimento de infância não é linear.



FOTO 1



**FOTO 2**



**FOTO 3**



**FOTO 4**



018X 101 018X 101 018X 101 018X 101 018X 101

No Tratado a Civilidade Pueril, publicado em 1530 o autor, Erasmo, apresenta uma idéia - diferente da apresentada por Rousseau - de criança pura, que nasce sem as perversões da sociedade e por isso deve ser educada desde a mais tenra idade. Para o autor do Tratado, os gestos são grandes reveladores da intimidade dos indivíduos e a civilidade é fruto de uma pedagogia de base que deve desde cedo ser posta em prática. A educação da criança deve ser realizada em família, pelos próprios pais ou preceptores e sua base de sustentação são os exemplos assistidos na própria casa (foto5, o preceptor mostrando. Mostra que sendo o pai ou o preceptor a aprendizagem é responsabilidade deles enfatizando uma hierarquia de autoridade). Contrariamente a idéia de Erasmo, os reformadores, embora acreditem numa disciplina rígida, acreditam também que a criança, como toda criatura é má e tudo a leva ao mal, podendo ser salva somente através da graça. Para estes a disciplina da criança deve ser sistematizada e realizada na escola.

As escolas destinam-se às crianças de 7 aos 12 anos de idade onde elas aprendem os rudimentos do saber ler, escrever e contar. Com o tempo as escolas passaram a ser um instrumento de disciplina sistemática e, também, autoritária numa versão numa versão da pedagogia do comportamento. Nesta época começa a parecer nas escolas os alfabetos e as regras gramaticais.

Rousseau critica a forma de educação apresentada no “Tratado de Civilidade Pueril”, por ser esta apenas uma educação aparente, construída com base em exemplos e também faz críticas à pedagogia do comportamento. Para ele, as virtudes devem ser praticada à margem da sociedade, para que a criança seja preparada para viver na sociedade.

A partir das idéias de Rousseau, difundidas em seu livro Emílio, a elite francesa muda seu ideal de educação, trazendo a criança para dentro da família, onde a ênfase é a aprendizagem dos valores e dos comportamentos morais. A educação passa a ser, novamente, função da família, seja ela ministrada pelos pais

FOTO 5



ou por um perceptor. Educação e Infância passam a ter uma nova visão. Acredita-se que a natureza e personalidade da criança se expressam melhor no seio de suas relações naturais e privadas. As inovações da arquitetura moderna trouxe o desenho de novos aposentos, criando novos espaços na casa da elite francesa, transformando cômodos que antes eram destinados a uso comum em espaços reservados para a intimidade. Os casais refugiam-se nos jardins e salas e o casamento por amor e amizade toma o lugar dos casamentos por interesse.

Nesta nova fase de união matrimonial a mulher vai exercer um papel fundamental, a responsabilidade em estabelecer um elo entre o passado e o futuro através da procriação. Trazer a criança no ventre, dar-lhe a luz e alimentá-la, faz da mulher a depositária da família e da espécie. A mortalidade infantil, que no século XVII apresentava índices altíssimos, já é bem menor no século seguinte.

Depois de ser alimentada pela mãe, na gestação, a criança era amamentada até os 24/30 meses e então entrava no período da primeira infância, onde a educação dos pais e publica se ampliara. Até mesmo quanto a amamentação, era freqüente ser realizado pelas amas-de-leite mas foi caindo em desuso principalmente pela idéia de valores e moral que é difundida neste século. Acreditava-se que a criança amamentada pela ama traria em si valores e a moral da própria ama. No entanto, cabia a família fazer a opção.

A primeira infância era considerada a época das aprendizagens. A criança aprendia os espaços da casa, da aldeia, das redondezas, a manusear os brinquedos. Aprendia a relacionar-se como outras crianças maiores e da mesma idade que ela. Aprendia as técnicas do corpo, das regras de participação na comunidade e das coisas a vida. Os meninos a partir dos 7/8 anos iam para os campos com os pais, as meninas, em geral, ficavam com a mãe, aprendendo as tarefas do lar. As aprendizagens da infância e da adolescência, deviam fortalecer o corpo, aguçar os

sentidos e habilitar a criança a transmitir a vida para que a continuidade da família fosse garantida.

Este papel poderia ser exercido tanto pelos pais como pelos colégios. A educação privatizada não era condenada, mas sua prática exigia a participação da figura do preceptor cuja função era abrir a criança para conhecimentos que seus pais não poderiam lhe dar.

Nos colégios a educação era baseada em idéias político religiosas e tinha por objetivo sujeitar os desejos da criança ao comando da razão. Com isto, buscava-se moldar os pensamentos segundo as exigências do individualismo.

## **CAPÍTULO II - ROUSSEAU E SUA OBRA SOBRE A INFÂNCIA**

Após nos situarmos dos valores e costumes da família e criança nos seus papéis sociais e educacionais também achei importante procurar algo breve a respeito da vida de Rousseau assim como também sobre o seu pensamento sobre a Infância encontrado em seu livro Emílio - livro Primeiro, apontando também uma referência significativa sobre seu pensamento frente as amas de leite fazendo parte das três partes deste capítulo.



## 2.1 BIOGRAFIA ROUSSEAU

*Jean Jacques Rousseau* (1712 - 1778), era filósofo. Francês, natural de Genebra, Suíça. Suas idéias, expressavam as injustiças sociais da época, inspiraram a *Declaração dos Direitos do Homem* e exerceram profunda influência sobre o pensamento do século XVIII. Era *também considerado um moralista da época. Autor do Contrato Social, da Nova Heloísa, do Emílio e dos Devaneios do caminhante solitário*, sendo considerado um dos maiores escritores do seu tempo.

De família calvinista, aos 16 anos converteu-se ao catolicismo e esteve durante longo tempo, sob a proteção de M. me de Warens, na Itália, onde estudou num seminário lazarista. Abandonou o curso e voltou à Suíça, estabelecendo-se em Lausanne, como professor de música. Fez uma viagem a Paris, onde se demorou poucos dias, retornando depois à companhia de sua protetora. Em 1742, foi novamente à capital francesa, levando um esquema de notação musical de sua autoria, além de uma comédia, uma ópera e originais de alguns poemas. No ano seguinte, ocupou o cargo de secretário do embaixador francês em Veneza. Nessa época escreveu um ballet intitulado *Les Muses galantes* (1745; *As Musas Galantes*), que foi encenado na Ópera de Paris. De volta à França, tornou-se amigo de Diderot e Condillac, e foi incumbido por Diderot de escrever os artigos sobre música para a *Grande Encyclopédie*.

Em 1745, Rousseau uniu-se a Thérèse le Vasseur, uma criada de hotel, casando-se em 1768, e com ela viveu até o fim de seus dias. Em 1750, ganhou o prêmio da Academia de Dijon, com o ensaio *Discours sur les sciences et les arts* (1750; Discurso sobre ciências e as artes). Dois anos mais tarde, teve uma de suas comédias, *Narcisse* (1753; *Narciso*), representada no Théâtre Français. Publicou sua *Lettre sur musique française* (carta sobre a música francesa), em que procura demonstrar a superioridade da música italiana em relação à da França. Cidadão de

Genebra e calvinista (1754), publica o *Discours sur l'origine de l'inégalité parmi les hommes* (1755; *Discurso sobre a origem e desigualdade dos homens*) e o *Discours sur l'économie politique* (1755; *Discurso sobre a economia política*).

Transferiu-se depois para uma vivenda próxima a Montmorency e aí começou a trabalhar em seu romance *Julie, ou la Nouvelle Héloïse* (1761; *Júlia, ou Nova Heloísa*), que alcançou enorme repercussão. No ano seguinte, fez publicar *Du Contrat Social* (1762; *Contrato Social*), sua obra fundamental, em que formula uma teoria do Estado, baseado na convenção entre os homens em que defende o princípio da soberania popular. *Émile* (1762; *Emílio ou Da Educação*), longo estudo sobre educação, em forma de romance que veio a luz logo em seguida.

Essas duas obras, que contém violenta crítica ao cristianismo dogmático e ao ceticismo filosófico, foram consideradas ofensivas à autoridade. Para evitar a execução de uma ordem de prisão contra ele expedida, Rousseau viu-se forçado a deixar a França, refugiando-se no território de Neuchâtel. Aí escreveu suas célebres *Lettres écrites de la montagne* (1764; *Cartas escritas da montanha*), em que ataca o governo de Genebra, por ter determinado a destruição das edições do *Contrato Social* e do *Émile*. Em 1764, recebeu um panfleto anônimo intitulado *Le Sentiment des citoyens* (O Sentimento dos cidadãos), em que o acusavam de hipócrita e ingrato. Rousseau ficou profundamente abalado com isto, descobriu-se mais tarde que esta carta havia sido escrita por Voltaire. Decidiu então, escrever sua autobiografia, as *Confessions* (1782; *Confissões*).

EM 1770 voltou a Paris tentando justificar suas idéias. Durante os dois últimos anos de vida, publicou a mais delicada de suas obras, *Rêveries du promeneur solitaire* (1783; *Devaneios do caminhante solitário*), livro impregnado de profundas reflexões sobre a natureza e os sentimentos do homem. Em Maio de 1778, mudou-se para um pavilhão na propriedade do marquês René de Girardin, onde faleceu subitamente, seis semanas mais tarde. Foi sepultado na Île des

Peupliers, no lago de Ermenoville, mas durante os anos sangrentos da Revolução Francesa, seus restos foram removidos para o Panthéon, em Paris.

As idéias contidas no conjunto da obra de Rousseau tiveram grande influência revolucionária, pois expressavam as injustiças da sociedade da época.. No plano das ciências, suas idéias apresentavam certa afinidade com o pensamento de Montesquieu. Sua concepção de liberdade encontra paralelo na de Kant. Além de pensador e filósofo, Rousseau foi um dos maiores escritores do seu tempo.

## 2.2 PENSAMENTO SOBRE A INFÂNCIA: EMÍLIO - Livro Primeiro

Rousseau inicia suas idéias, no livro Emílio ou da Educação, se dirigindo as mães. Para ele a primeira educação é a mais importante e ao seu ver ela cabe as mulheres. Incentiva as mães a serem extremamente zelosas em relação aos filhos para que futuramente estes lhe tragam alegria.

Justifica a necessidade do sentimento de infância quando diz "*Deplora-se o estado de infância, não se vê que a raça humana teria perecido se o homem não começasse sendo criança*" (1968, pg10). Ele também justifica a necessidade da educação quando diz nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é nos dado pela educação.

Inicia também seu 1º capítulo criticando as leis quando dizendo que as leis se preocupam com os bens e não com as pessoas, pois tem como objetivo a paz e não a virtude, e por isto não outorgam autoridade suficiente às mães. Defende claramente que tudo que não temos ao nascer e de que precisamos adultos é nos dado pela educação e que cada um de nós é formado por três espécies de mestres (a natureza, os homens e as coisas). Quando se refere a natureza quer dizer hábito, "*A educação não é certamente senão um hábito*" (1968, pg 12). Refere também que o aluno que contraria as lições desses mestres é considerado mal educado e nunca estará de acordo consigo mesmo.

Para ele, a educação é uma arte da qual torna-se quase impossível alcançar êxito total. Salientava que a educação vigente na época se restringia a educar as pessoas para os outros e que deveria educá-lo para si mesmo.

Em suas falas percebe-se conceitos e preconceitos morais de bondade e virtude. *“O essencial é ser bom à gente com a qual se vive” (1968, pg 12)*

Critica os colégios e instituições dizendo que essa educação só serve para fazer homens de duas caras seguindo sem compromisso, desdobrando-se por diversos impulsos terminando a vida sem ter sido bom para si e para os outros. Mas se for educado para ser homem desempenhará bem tudo que fizer em seu relacionamento social. Afirma que viver é o que pretende ensinar a seus filhos.

Ele defende que o homem que teve a verdadeira educação é o que melhor sabe suportar os “bens e os males” desta vida. Para ele, o verdadeiro estudo é o da condição humana e que para isto deve-se considerar que o homem está exposto a todos acidentes da vida humana. Educação para a vida, para as lutas, decepções, conquistas e vitórias. O homem deve ser ativo onde vive, arriscando dores e sofrimentos mas construindo uma história, uma história pessoal. *“Viver não é respirar, é agir, é fazer uso de nossos sentidos, de nossas faculdades, de todas as partes de nós mesmos que nos dão o sentimento de nossa existência. O homem que mais vive não é aquele que conta maior número de anos e sim o que mais sente a vida” (1968, pg 16).*

Neste raciocínio há dois tipos de educação: a pública e a comum. Diz que um exemplo da pública está no livro “A República” de Platão. Ele elogia Platão dizendo que este livro é o mais belo tratado de educação que foi escrito. A instituição pública já não existe mais porque não há mais pátria nem cidadãos. Chama os colégios de estabelecimentos ridículos e diz que nas universidades de Paris há bons professores e que seriam melhores ainda se não fossem forçados a obedecer aos usos pré-estabelecidos. Percebe-se crítica as leis, principalmente quando diz que a educação atual só serve para fazer homens de duas caras.

### 2.3 AMAS de LEITE: uma referência significativa

Chama-as de mercenárias que só se preocupavam em poupar trabalho. Critica as mães dizendo que estas desprezam seu principal dever entregando seu filho as amas. Critica juntamente a isto o costume das crianças serem enroladas em panos alegando que isto era conveniente as amas que não teriam que se preocupar com os movimentos das crianças. Fala dos sentimentos da criança mediante tal procedimento: *“Seu primeiro sentimento é um sentimento de dor e de esforço: só encontram obstáculos a todos os movimentos de que necessitam. Mais desgraçados do que um criminoso algemado, fazem esforços vãos, irritam-se, gritam. Seus primeiros sons, dizei vós, são de choro? É evidente. Vós os contrariais desde o nascimento; o primeiro presente que recebem de vós são algemas; os primeiros tratamentos que experimentam são tormentos. Nada tendo de livre senão a voz, como não se servirem dela para se queixarem? Choram por causa do mal que vós lhes fazeis. Assim envolvidos e amarrados, gritareis mais do que eles”* ( 1968, pg 18). Condena as mães que se entregam aos divertimentos sociais entregando seus filhos as amas sem se preocuparem com o tratamento que recebem as crianças. Refere-se as amas como mãe condenável.

Em contrapartida alerta também ao cuidado com a superproteção referindo-se a não prolongar a “fraqueza da infância” fazendo do filho um ídolo. Pela natureza os temperamentos da criança são moldados, trabalhados através das experiências. Na primeira infância a criança só chora e nestas situações o adulto faz o que agrada a criança ou o que lhe agrada. Ou bate ou a acaricia e que isto não há meio termo. Ou a criança dá ordens ou ela as recebe.

O homem da natureza é diferente, é um homem que desde que vem ao mundo é necessário conservá-lo. A mãe deve ser a verdadeira ama e o pai o verdadeiro preceptor. Ou seja, sugere desta forma que a educação na infância deve acontecer em casa. Se o pai se considera incapaz de educar seu filho o conselho é transformar-

se em amigo. Para as crianças só se deve ensinar os deveres do homem. A educação deve proporcionar que os discípulos mesmos busquem caminhos próprios para que o homem busque por si mesmo adaptar-se a qualquer condição humana.

Enfatiza sempre que a educação da criança deve começar antes dela falar, desde seu nascimento, valendo mais suas experiências do que lições porque para eles sensações iniciais são sempre de prazer ou de dor. Ressalta cuidados com a fala enfatizando a necessidade de falar corretamente sempre não dando importância para a quantidade de palavras que as crianças falam e sim as idéias que ela mostra, as coisas que ela pensa.

Termina este primeiro livro assim:

*“Os primeiros desenvolvimentos da infância ocorrem quase todos ao mesmo tempo. A criança aprende a falar, a comer, a andar quase ao mesmo tempo. É em verdade a primeira fase de sua vida. Antes ela não é nada mais do que era no ventre da mãe, não tem nenhum sentimento, nenhuma idéia, mal tem sensações, não sente sequer sua própria existência: Vivit, et est vitae nescius ipse suae”.*

## CAPÍTULO 3 - A MODO DE CONCLUSÃO

### **O que seria esta educação natural nos dias de hoje**

O que considero de válido nas idéias de Rousseau é a sua preocupação com a afetividade no relacionamento familiar. O que nos faz homens e mulheres hoje? Com certeza não é o que aprendemos com a matemática ou português na escola, apesar disto ser importante, mas muitas coisas com certeza já esquecemos. Pois estas são a extensão da nossa situação social. O que nos faz homens e mulheres hoje, como o próprio Rousseau tentou dizer no século XVIII é que a experiência que tivemos, nossos relacionamentos, vivências, conquistas, decepções, frustrações, sonhos nos fazem ser pessoas com histórias de vida. A contradição ou a limitação disto é que só no contexto familiar não se tem isto, apesar de começar por ele. A educação que recebemos em casa, o amor, o respeito nos fazem pessoas com condutas diferentes. A leitura que eu faço da fala de Rousseau é de que a criança precisa de carinho, de proteção, de atenção. Outra preocupação que ele alerta é para o fato de “não prolongar a fraqueza da Infância”, ou seja superproteger a criança. Quando este tipo de crianças vão para o convívio social onde há um regime de igualdade de tratamentos de todos, como na escola por exemplo, não conseguem adaptar-se.

O contexto onde vive, as pessoas com quem convive, suas experiências de vida, certas predisposições, recursos e características pessoais: tudo isso contribui para o seu modo de ser. A criança ao nascer não é uma folha em branco. Em muitos aspectos apresenta características próprias, reações e maneiras de solicitar atenção às suas necessidades, etc. Se a criança for alimentada, cuidada e “bajulada” sempre pela babá (ama) como saberá e reagirá a mãe a cada comportamento do filho. Rousseau critica muito as mães que não criaram seus filhos na época. Anterior a revolução industrial e antes das mudanças sociais que com ela vieram, as mães não



trabalhavam fora mas já haviam amas de leite devido aos compromissos sociais das mulheres. Rousseau se mostra muito radical quando diz que a educação inicial (infância) deve ser somente natural (em casa). Há uma multiplicidade de fatores que influem na construção do modo de ser da criança, além do relacionamento com os pais. Também não podemos esquecer de que ele criticava uma determinada sociedade (elite francesa) num determinado contexto histórico-social. Também não podemos nos esquecer de que um filho não é totalmente um produto dos pais, nem quando muita coisa dá errado, nem quando quase tudo dá certo. Talvez o que tenha lhe faltado foi reconhecer a existência de outros fatores relevantes na vida dos filhos não desvalorizando nem diminuindo a importância da contribuição dos pais. Devemos considerar também que não havia, na época, os estudos de psicologia e sociologia bem desenvolvidos.

A rede familiar, que por sua vez, está inserida num contexto social e histórico sofre influências variadas onde um influi no outro. Neste aspecto Rousseau afirma que a educação deve ser praticada à margem da sociedade para que a criança seja preparada para viver na sociedade.

Rousseau focaliza o sujeito, a criança e até mesmo o homem ressaltando a importância de uma educação que não ensinasse muitas coisas quantitativamente mas que fossem coisas úteis, que envolvessem experiência de vida eliminando a memória e valorizando a experiência direta das coisas, construindo subsídios didáticos pessoalmente. Parece que em tempos de modernidade (revolução industrial) Rousseau tentava resgatar o individual tentando ao máximo desvincular o Homem de uma pedagogia pública para uma pedagogia caseira.

As dificuldades encontradas no trabalho, por mim, foram basicamente, no encontro dos levantamentos etnográficos propostos. Também não consegui, como pretendia, fazer uma relação entre as ideias de Rousseau e sua biografia por encontrar dados muito superficiais. Creio que fui extremamente influenciada por um

momento de minha vida quando iniciei minha leitura em Rousseau e confesso que buscava algo que não encontrei. Por trabalhar com crianças especiais sentia muito forte um sentimento de rejeição pelos filhos, o que é natural. Talvez por um estudo rápido tenha me impressionado com suas idéias e tenha tentado buscar uma receita para minhas dúvidas. Confesso também que me surpreendi com suas idéias tão voltadas para o contexto familiar em pleno século XVIII. A impressão que tenho é que as relações afetivas familiares hoje não mudaram muito do que ele criticou na época.

Entretanto o tema me interessou enquanto estudo o que merece ao meu ver uma continuidade posterior para que meu interesse se defina com mais precisão.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:**

ROUSSEAU, Jean - Jacques. **Emílio ou da Educação**. Tradução por Sérgio Milliet., Clássicos Garnier da Difusão Européia do livro, São Paulo, 1968.

ARIÈS, Philippe. **História da Vida Privada**,3 :da Renascença ao Século das Luzes / organização Roger Chartier; tradução Hildegard Feist. - são Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MANACORDA, Mário Alighiero. **História da Educação: da Antiguidade até os nossos dias/** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989 - (Coleção educação contemporânea. Série memória da educação)

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**, tradução de Dora Flaksman, 2ª edição, Rio de Janeiro, LTC editora, 1981.